

## **“Não ceda nem um centímetro de terra ao inimigo”: os EUA e o Japão como inimigos externos nos discursos de Kim Il-Sung (1950-1953)**

Renan G. C. de Oliveira \* Rubens A. A. de Brito Araujo 

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

\*Autor correspondente. E-mail: renan-canellas@hotmail.com

### **Resumo**

Este artigo pretende examinar como os EUA e o Japão foram retratados em discursos de Kim Il-Sung, presidente da Coreia do Norte, durante a Guerra da Coreia (1950–1953), entendendo este como um momento fundacional para a identidade norte-coreana. Além disso, seguindo uma ótica pós-estruturalista, argumentamos que essa construção de alteridades foi necessária para a sustentação do governo durante a Guerra na península. Essa perspectiva será utilizada para investigar como tais discursos inserem-se em um conjunto de práticas de exclusão em que os elementos de uma identidade de segurança de dentro – no caso, da Coreia do Norte – estão ligadas, por meio de um discurso de perigo, com ameaças identificadas e localizadas fora – no caso, os EUA, o Japão e seus aliados.

**Palavras-chaves:** Coreia do Norte, Guerra da Coreia, Imperialismo, Análise de discurso

### **1. Introdução**

O Estado, enquanto tipo ideal, depende em alguma medida que se construa uma “identidade nacional”, voltada, sobretudo, para a construção de um forte elo, seja pela língua, cultura, ou qualquer outro possível elemento agregador, entre a população e a figura da união (Gellner 1983). O nacionalismo metodológico consiste, justamente, em conceber relações sociais a partir das fronteiras que delimitam o limite do território de um Estado para outro, permitindo que, dentro daquele espaço, se perceba um conjunto de relações particulares e discerníveis àquelas comunidades que vivem naquele território (Krishan 2009). A diferença parece então o elemento fundamental para a consolidação de uma experiência compartilhada, dado que a experiência alemã, brasileira, indiana, ou marroquina é discernível pelo simples fato de uma não ser a outra (Deleuze 1994). O que consolida, logo, a experiência como sendo única não são necessariamente os atributos particulares de cada território, mas o fato de que uma é diferente da outra; a identidade se constitui pela diferença, não pela essência.

Essa diferença, contudo, pode – e geralmente o faz – criar concepções particularmente belicosas quando se delimita o “eu” e o “outro”. Como pontua Campbell (1992), a própria existência do outro, ao apresentar outros modos de ser, pode ser o suficiente para se gerar uma ameaça. A diferença, nesse caso, pressupõe uma categoria de entendimento, no sentido kantiano (1998), que sintética e a prioristicamente organiza a forma com que a razão forma julgamentos acerca do que sou “eu” e o que é o “não eu”. O “eu” não pode ser o “não eu”, pois esse possui atributos que não pertencem a mim, seja qualidades ou defeitos. A sua existência, logo, nega a minha e assim me ameaça. A ameaça, nesse sentido, é discursiva, pois fundamentalmente pressupõe um processo de interpretação, geralmente linguística, da posição que o outro ocupa em relação a mim (Campbell 1992). Faz do outro, por meio da linguagem, objeto referente, pois a partir da criação de ameaça se fortalece o conjunto de qualidades que definem uma identidade (Buzan, Waeber e Wilde 1998). Por meio da linguagem, o eu, necessariamente, é discursivamente definido em termos do não eu.

O presente artigo trata do processo de formação de identidade, em especial a construção do nacionalismo norte-coreano durante a Guerra da Coreia (1950-1953). A Guerra da Coreia mostra-se fundamental para o tipo de análise aqui proposta pela multiplicidade de discursos, proferidos por Kim Il-Sung, então chefe de Estado da Coreia do Norte, que visam ativamente fortalecer a identidade norte-coreana pela identificação de duas ameaças: os Estados Unidos (EUA) e o Japão, ambos definidos como imperialistas. Busca-se, portanto, entender a seguinte questão: como a identificação dos EUA e do Japão como ameaças, durante a Guerra da Coreia, representa o processo de constituição da identidade norte-coreana naquele momento? Para responder a essa pergunta, selecionou-se uma parte da literatura historiográfica do período da guerra, no intuito de compreender o contexto político do qual emanou a identidade nacional norte-coreana, e um conjunto de discursos proferidos por Kim Il-Sung, sobretudo no início e no fim da guerra, para analisar as predicções direcionadas aos EUA e Japão, eles, e à Coreia do Norte, nós. A análise foi orientada por uma perspectiva teórica pós-estruturalista, sobretudo a proposta por David Campbell (1992), e, consequentemente, se baseia no pressuposto de que o discurso fornece os sistemas de significação do mundo; ou seja, os objetos não nos revelam por si só o conteúdo de sua existência. O discurso não existe para decifrar o que os objetos têm a nos dizer, mas para dar a esses objetos, por meio da linguagem, os seus significados.

## 2. As raízes do nacionalismo norte-coreano

De acordo com Benedict Anderson (2008), o nacionalismo pode ser definido como uma construção imaginada e compartilhada de uma comunidade política, na qual os membros se identificam e se conectam através de uma identidade coletiva. O autor argumenta que a nação, nesse sentido, é uma entidade socialmente construída, na qual seus membros se identificam e se sentem conectados por meio de um conjunto de características comuns, como a cultura, a história, o idioma e as aspirações políticas. Podemos afirmar, neste âmbito, que o nacionalismo norte-coreano também é uma construção social que resulta de um contexto histórico e político conturbado.

O nacionalismo norte-coreano, bem como a ideologia motriz do Estado, a ideolo-

gia “Juche”<sup>1</sup>, é constituído a partir da rejeição ao imperialismo. Esse nacionalismo, em vista disso, se alimenta de duas experiências distintas, mas associadas, pois são sequenciais, do imperialismo na península coreana: em primeiro lugar, a experiência colonial japonesa; e em segundo, a ocupação estadunidense do sul, após a divisão da Coreia em zonas de influências.

Estamos argumentando, portanto, que a própria luta anti-imperialista se apresenta como um vetor de pertencimento da sociedade norte-coreana. Como será apresentado na próxima seção, a colonização e a ocupação estadunidense foram mobilizadas por Kim Il-Sung como ‘atos fundadores’, que, de acordo com Probst (2003), são narrativas que trazem uma identidade coletiva para uma determinada comunidade. Nesse sentido, acreditamos que a Coreia do Norte se apresentou como um espaço onde o imperialismo seria constantemente combatido, “ênfatiza[ndo] a interrupção do passado [e] o surgimento de um novo começo” (Probst 2003, 46, tradução nossa) – o passado das experiências imperialistas e um novo começo independente – capaz de fortalecer e ser fonte de uma identidade política comum e legitimidade para o governo. Por isso, faz-se necessário retomar brevemente estas duas experiências imperialistas, para depois analisar os discursos de Kim Il-Sung.

Assim, torna-se importante retomar a particular experiência colonial coreana, que, de acordo com Seth (2018), foi profunda na formação das características da Coreia do Norte:

Muitas de suas características definidoras – a militarização de sua sociedade, seus métodos coercitivos para mobilizar a população para os objetivos do Estado, sua xenofobia, o culto à família governante e seu intenso nacionalismo feroz – foram moldados pelas características peculiares do domínio japonês (Seth 2018, 6, tradução nossa).

O período colonial na península foi fortemente marcado pela supressão de direitos, no qual os coreanos não tinham liberdade de expressão, de reunião, de imprensa ou de associação, além de todas as organizações coreanas formais terem sido dissolvidas pela administração japonesa. Havia também uma forte política de assimilação cultural, no qual o sistema educacional colonial tinha como objetivo eliminar gradualmente a identidade cultural coreana. Ainda assim, alguns ativistas coreanos resistiram ao tentar promover uma educação centrada na Coreia, promovendo a cultura, a história e a língua coreana, mas isso diminuiu gradualmente ao longo dos anos devido à supressão japonesa (Park 2022).

Enfatizando que “Japão e Coreia são uma entidade” e que japoneses e coreanos compartilhavam de uma ancestralidade comum, o Japão buscou transformar os coreanos em súditos do império japonês – por meio de requisitos como a recitação de várias linhas patrióticas que prometiam lealdade ao imperador Hirohito – e destruir a identidade coreana. O esforço envolveu a eliminação gradual do ensino da língua coreana nas escolas primárias e secundárias (1938–1943), além dos coreanos serem forçados a adotar nomes japoneses (Park 2022).

1. A ideologia “Juche”, que significa “mestre de si próprio”, diz respeito a uma doutrina de “autossuficiência”, que pode ser resumida como obedecer ao princípio de resolver todos os problemas da revolução e construção da nação de forma independente, de acordo com as condições reais do próprio país e principalmente por esforço próprio (Cho 1940). É altamente influenciada pela corrente marxista-leninista (Cumings 2005; Seth 2018).

A proximidade geográfica e o intercâmbio cultural secular fizeram da experiência colonial coreana ainda mais intensa (Park 2022; Seth 2018). Este cenário foi propenso ao surgimento de um ressentimento crescente por parte dos colonizados, que explodiu com o Movimento Primeiro de Março. O movimento consistiu na proclamação da independência da Coreia por estudantes coreanos em Tóquio em fevereiro de 1919, após a articulação da autodeterminação dos povos presente no discurso dos *14 Pontos de Wilson*, ao fim da Primeira Guerra Mundial. Isso inspirou com que líderes nacionalistas coreanos fizessem o mesmo em primeiro de março, dia do funeral de Kojong<sup>2</sup>, que havia morrido repentinamente em janeiro, provavelmente envenenado por ordem secreta do governador-geral. A notícia se espalhou rapidamente e a declaração de independência coreana por trinta e três líderes nacionalistas transformou a multidão enlutada em manifestantes (Park 2022).

Na historiografia oficial da Coreia do Norte, entretanto, o Movimento é conhecido como Dia da Revolta do Povo, e foi liderado pelo pai de Kim Il-Sung, Kim Hyung-Jik (H. Kim 1997). Em vista disso, é possível afirmar que o Movimento foi muito significativo para uma luta nacionalista mais organizada. Um dos exemplos é o Governo Provisório da República da Coreia, governo no exílio que se organizou após o Primeiro de Março, e foi parcialmente reconhecido e estabelecido em Xangai, em que seus membros posteriormente formaram o governo da Coreia do Sul – Syngman Rhee, que foi o primeiro presidente do Governo Provisório tornou-se o primeiro presidente da República da Coreia (Neff 2010).

Além disso, é importante pontuar também que os movimentos comunistas coreanos, que posteriormente se organizaram como RPDC, eram, acima de tudo, “movimentos nacionalistas anti-imperialistas em busca de um meio de alcançar uma Coreia livre do controle estrangeiro” (Seth 2018, 11, tradução nossa). Outrossim, como aponta Seth (2018) – baseado na história oficial da Coreia do Norte – a luta contra o imperialismo é mobilizada como algo tradicional da própria família de Kim Il-Sung: seu avô foi um dos líderes na luta contra o “General Sherman– a expedição que ‘abriu a Coreia para o ocidente’; seu pai lutou contra os estadunidenses que escravizaram estudantes para trabalho forçado e também contra o imperialismo japonês; um de seus irmãos mais novos morreu na luta contra os japoneses; sua primeira esposa foi capturada pelos japoneses em 1940; sua segunda esposa teve sua mãe e irmão mortos por japoneses, e ela se juntou à guerrilha aos 16 anos. Já sobre o próprio Kim Il-Sung, a historiografia sul-coreana e ocidental afirmam que ele não ocupou grandes papéis nas guerrilhas e movimentos comunistas de resistência durante a colonização. No entanto, a versão norte-coreana atribuiu a ele papéis centrais na resistência, e, como Cumings (2005) constata, o norte afirma que Kim Il-Sung derrotou os japoneses sozinho.

Após a rendição japonesa em 1945, a península coreana ficou sob o controle das forças de ocupação norte-americanas no Sul e soviéticas no norte. A divisão foi destinada a ser temporária, com o objetivo de permitir que as potências aliadas supervisionassem a desmilitarização e a formação de um governo unificado na Coreia. No entanto, as tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética que caracterizaram

2. Kojong foi o 26º e último rei da Dinastia Joseon e primeiro imperador da Coreia. Foi forçado em 1876 a assinar o Tratado de Ganghwa pelo Império Japonês, que facilitou a anexação da Coreia em 1910 (Chung 2005; Lee 2010).

toda a segunda metade do século XX e deram origem a Guerra Fria, também se refletiram na península.

Os soviéticos administravam o norte por meio de Kim Il-Sung e seus ex-companheiros guerrilheiros anti-japoneses, os “Partidários”, que rapidamente assumiram o controle dos comitês populares com o apoio soviético. Após sua fundação, em 1948, o governo da Coreia do Norte alcançou estabilidade rapidamente. O regime estava relativamente bem fundamentado, com a população em geral como sua base política, pois Kim Il-sung e seus partidários, apoiados pela força de ocupação soviética, haviam consolidado o controle por meio dos comitês populares locais (Cumings 2005; Park 2022; Seth 2018).

Os Estados Unidos, entretanto, estabeleceram um governo “autoritário” e “sem apoio popular” no sul, segundo a narrativa do norte. Kim Il-Sung retrata em seus discursos, como veremos a frente, Syngman Rhee apenas como um “fantoche” do imperialismo estadunidense. Para o “Grande Líder”, “os imperialistas dos EUA negam os direitos legítimos do povo coreano à liberdade e independência, não consideram nosso povo seres humanos. Os ladrões dos EUA pensam que o povo coreano está destinado apenas a ser escravos coloniais enchendo os bolsos dos belicistas de Wall Street” (I. Kim 1981a, 29, tradução nossa).

Segundo Roy (1988), na visão norte-coreana, os Estados Unidos substituíram o Japão como a força motriz do imperialismo na Ásia: “após derrotar os japoneses, os americanos imediatamente os cooptaram e começaram a usá-los como ‘tropas de choque’ para preparar o caminho para a tomada dos Estados Unidos do continente asiático, começando pela Coreia” (Roy 1988, 1282, tradução nossa).

Constantes foram os confrontos ao longo do paralelo 38, o que fez Kim Il-Sung concluir o aumento da vigilância e observação do “inimigo”, para que o lado norte estivesse preparado para lidar com provocações militares: “[n]ão devemos ceder nem mesmo um centímetro de terra ao inimigo, aconteça o que acontecer” (H. Kim 1997, 79, tradução nossa). Estes logo se transformaram na Guerra da Coreia em 25 de junho de 1950, quando a Coreia do Norte lançou uma invasão total em uma manhã de domingo. No dia seguinte, os Estados Unidos convocaram o Conselho de Segurança da ONU e, com o representante soviético ausente para exercer o veto, o conselho condenou a Coreia do Norte como o agressor (Cumings 2005; Park 2022; Seth 2018).

Como exposto anteriormente, este momento de ocupação estadunidense na península, bem como o ressentimento da colonização japonesa, foram usados discursivamente por Kim Il-Sung durante a Guerra da Coreia, numa clara tentativa de mobilizar uma “evangelização do medo”, que, para os pós-estruturalistas, diz respeito a um discurso que fomenta uma situação de ameaça em relação ao outro (no caso, EUA, Japão e Coreia do Sul), que é extremamente produtora para os governantes, uma vez que o medo permite a sustentação de políticas diversas que se justificam por causa da existência do inimigo (Campbell 1992). Assim sendo, a próxima seção analisará os discursos de Kim Il-Sung durante a Guerra, numa tentativa de demonstrar como ele mobilizou esse sentimento anti-imperialista em prol da construção de uma identidade nacional norte-coreana que se opusesse aos inimigos imperialistas.

### 3. Kim Il-Sung e a produção de alteridade

Na política externa, é comum que os países mobilizem discursos que constroem narrativas que demarcam limites, fronteiras, identidades e alteridades. Como já afirmado, durante a Guerra da Coreia (1950-1953), os discursos de Kim Il-Sung foram essenciais para sustentar o governo. Dentre alguns de seus efeitos, vale mencionar a forma com que reforçaram um sentimento anti-imperialista e, consequentemente, o próprio nacionalismo e a identidade norte-coreana. Essa seção, portanto, busca analisar esses discursos com a finalidade de compreender como essa identidade norte-coreana foi é constituída a partir da delimitação do *eu/outro, anti-imperialista/imperialista, colonizado/colonizador*, e, entendendo que essa identidade está sempre em construção, afirmamos que há uma permanente necessidade de reprodução desta por parte do Estado, que aqui se manifesta a partir dos discursos.

Em discurso realizado no dia em que o exército norte-coreano invadiu a Coreia do Sul<sup>3</sup>, Kim Il-Sung afirma que Syngman Rhee – um “fantoche” – e “sua gangue” estavam se preparando para agredir a metade norte da Coreia, “[s]ob a manipulação direta dos imperialistas dos EUA” (I. Kim 1981a, 1, tradução nossa), o que pode ser usado para justificar a invasão por parte do exército norte-coreano. O discurso também menciona que o exército sul-coreano trouxe equipamentos militares do Japão, através de um tratado comercial com os “militaristas japoneses” (I. Kim 1981a, 9, tradução nossa).

Além disso, o discurso acusa o grupo de Syngman Rhee de proibir as atividades de partidos democráticos e organizações sociais, bem como de prender, aprisionar e massacrar patriotas e democratas progressistas no sul da Coreia. Essas ações são descritas como parte de uma instrução dos imperialistas dos EUA para exterminar as forças patrióticas e democráticas e os guerrilheiros sul-coreanos. Kim Il-Sung enfatiza ainda que o povo coreano enfrentava uma crise séria, onde o resultado decidiria se eles se tornariam “escravos coloniais do imperialismo novamente” ou permaneceriam “livres pertencentes a um estado independente e soberano” (I. Kim 1981a, 9, tradução nossa).

É perceptível nesse, e em outros discursos do período da Guerra da Coreia, a delimitação bem clara dos inimigos que ameaçam a “independência nacional, a liberdade e a democracia” (I. Kim 1981a, 4, tradução nossa) norte-coreana: os EUA e o Japão. Kim Il-Sung retoma a experiência traumática colonial, ao afirmar que “[n]osso povo não deseja passar por uma escravidão colonial novamente pelos imperialistas e nunca cederá a qualquer um a liberdade e os direitos democráticos já conquistados” (I. Kim 1981a, 4, tradução nossa).

Já em outro discurso<sup>4</sup>, Kim afirma que o governo sul-coreano “sob as instruções dos imperialistas dos EUA, não hesitou em colaborar com os militaristas japoneses, os inimigos jurados do povo coreano” (I. Kim 1981a, 9, tradução nossa). Kim, na realidade, é quem não hesita em mobilizar o medo, atrelado aos inimigos externos, como forma de sustentação de suas práticas políticas. A partir dos seus discursos, o líder criava uma imagem soberana para a Coreia do Norte, que se opunha a metade sul, que havia sido vendida “aos imperialistas dos EUA como uma colônia e uma base militar

3. “*Let us wipe out the invaders by a decisive counteroffensive*”, 25 de Junho de 1950 (I. Kim 1981a).

4. “*Go all out for victory in the war*”, 26 de Junho de 1950 (I. Kim 1981a).

estratégica”, que tinha “sua economia sob o controle dos capitalistas monopolistas dos EUA” (I. Kim 1981a, 9, tradução nossa).

Já ao fim do período de conflito, três discursos aparentam ser fundamentais para entender a utilização de certas predicções utilizadas para definir os norte-coreanos em relação aos EUA e ao seu próprio papel no sistema internacional. O primeiro discurso<sup>5</sup> é particularmente relevante, e diferente dos demais, pelo uso, de maneira geral, algumas predicções: o emprego da palavra “paz” ao se referir aos esforços de negociação por parte da Coreia do Norte; a caracterização dos EUA como “invasores”; e a menção explícita ao capitalismo como um dos elementos que prolonga a guerra. O segundo “discurso”<sup>6</sup> consiste da decisão de unir dois discursos distintos, mas que são complementares entre si. Ambos esclarecem a ideologia adotada pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia, definem os interesses nacionais que fundamentam a importância da guerra para o país, assim como, a partir desses interesses, a necessidade da mobilização ideológica e organizacional do Partido dos Trabalhadores da Coreia para tal. O terceiro discurso<sup>7</sup> se mostra fundamental pois expressa não só o sentimento após o fim dos conflitos, mas também a forma com que se identifica esse fim como “vitória”. Em última instância, esse discurso reitera os princípios que guiaram a guerra de maneira geral.

O primeiro discurso<sup>8</sup> possui uma passagem particularmente robusta em termos de predicções. Como enuncia Kim Il-Sung:

Uma das razões pelas quais as negociações de trégua estão adiando é que os imperialistas dos EUA estão planejando uma guerra prolongada por trás da tela das negociações de cessar-fogo. Os capitalistas monopolistas dos EUA não querem o fim da guerra da Coreia e o relaxamento da situação internacional. É porque a guerra lhes traz lucros colossais e proporciona uma excelente condição para a corrida armamentista” (I. Kim 1981b, 283, tradução nossa).

O simbolismo acarretado pela predicação do capitalista, puramente, possui uma função fundamental: identificar, no invasor, aquilo que nele, em sua essência percebida, se diferencia fundamentalmente do “eu”. A predicação “capitalista”, que é mencionada em outros discursos, aqui ganha uma dimensão distinta. A essência capitalista e especialmente monopolista dos EUA favorece a extensão da guerra, permitindo com que, dado o seu caráter predatório (monopolista), os EUA acreditem que já são vitoriosos (I. Kim 1981b).

O imperialismo estadunidense é, nessa caracterização, capitalista por essência e, mais que isso, é o capitalismo do outro, do inimigo, que o faz enxergar a guerra como uma oportunidade de mercado. É o mercado de armas, nesse caso, que impede com que as aspirações “pacíficas” de negociação por parte Coreia do Norte sejam acatadas (I. Kim 1981b, 284, tradução nossa). O selvagem, que “[...] bombardeia vilas pacíficas [...]” (I. Kim 1981b, 284, tradução nossa), é um tipo específico, capitalista de selvagem, que invade para poder ampliar o mercado. Nesse sentido, a “invasão” associada aos

5. “*Why are the imperialist invaders delaying the armistice talks?*” 14 de Agosto de 1952 (I. Kim 1981b).

6. “*Proletarian Internationalism and the struggle of the Korean people n. 1*” 25 de Abril (I. Kim 1981b); “*The organizational and ideological consolidation of the party is the basis for our victory n. 3*” 15 de Dezembro de 1952 (I. Kim 1981b).

7. “*Congratulations on the great victory in the fatherland liberation war*” 27 de Julho de 1953 (I. Kim 1981b).

8. “*Why are the imperialist invaders delaying the armistice talks?*” 14 de Agosto de 1952 (I. Kim 1981b).

EUA, mais especificamente, é a invasão daquilo que não é socialista, daquilo que, em sua essência, é o não pacífico. A guerra traz lucro, lucro é o que define o capitalismo. A guerra, logo, é a personificação dos EUA, personifica o capitalismo.

Existe, logo, nessa caracterização, um processo reflexivo, porém inverso, de identificação do eu norte-coreano a partir do outro estadunidense. A Coreia do Norte é não imperialista, não capitalista e, por não sê-lo, é “pacífica” em sua tentativa de encerrar a “guerra”, aquilo que, por definição, é a negação da ontologia norte-coreana. A ontologia, nesse caso, diz respeito à incapacidade da Coreia do Norte “ser” a guerra, dado que esta é sinônimo de capitalismo, palavra que Kim Il-Sung faz questão de enunciar. O interdito, o afastamento, é, paradoxalmente, feito pela enunciação, e não pela supressão. A Coreia do Norte faz questão de definir os EUA como capitalistas para demonstrar, em toda a clareza possível, aquilo que não é. Este discurso, ao antagonizar os EUA, revela mais sobre a construção de um imaginário de um “si” norte-coreano do que propriamente uma imagem dos EUA. A Coreia do Norte nesse caso, se define pela negação, pelo afastamento daquilo que identifica enquanto atributos (defeitos) estadunidenses.

O segundo discurso, aqui compilado a partir de dois discursos<sup>9</sup>, reforça a autoimagem construída pelo discurso anterior; contudo, projeta essa autoimagem para além de um eu individual. Como enuncia Kim:

O internacionalismo proletário é uma arma poderosa dos trabalhadores e dos povos oprimidos de todo o mundo na luta contra a agressão imperialista, pela paz, independência nacional e progresso social. Hoje, em particular, quando os imperialistas dos EUA e da Grã-Bretanha estão desesperados na preparação para uma nova guerra mundial, a teoria de Lênin sobre o internacionalismo proletário serve como o vínculo ideológico inquebrantável e a bandeira da unidade e luta conjunta dos povos em todo o mundo pela paz e bem-estar. da humanidade” (I. Kim 1981b, 149, tradução nossa).

Neste discurso a negação existe, nega-se aos EUA e a Grã-Bretanha; contudo, esse não parece ser o foco aqui. O proletário internacional, como um reflexo da teoria de Lenin, é o objeto, e o símbolo, que faz o eu norte-coreano tornar-se parte de um “superego” que excede as fronteiras de seu próprio eu. Ocorre que a Coreia do Norte aqui se define a partir da paz, novamente, mas é uma paz internacional, guiada pelo comunismo global que visa salvar os trabalhadores do mundo. A teoria de Lenin, como mencionado, é o “vínculo ideológico inquebrável e a bandeira da unidade”, que orienta a luta global contra a agressão imperialista, para a paz e para o progresso. Ou seja, ao incorporar para si a teoria de Lenin (I. Kim 1981b, 150, tradução nossa), pressupõe que a identidade nacional está atrelada, conjuntamente, ao projeto de libertação internacional da classe trabalhadora global. A guerra, portanto, não se trata de uma querela local, ou não só ameaça a integridade da Coreia do Norte, mas sim uma ameaça, por parte do capitalismo personificado pelos EUA, à paz mundial e ao progresso social da classe trabalhadora. Como aponta Kim:

O povo coreano [...] acredita firmemente, por sua própria experiência, que só pode salvaguardar a liberdade do país e os interesses nacionais por uma firme adesão ao internacionalismo

9. “Proletarian Internationalism and the struggle of the korean people n. 1” 25 de Abril de 1952 (I. Kim 1981b); “The organizational and ideological consolidation of the party is the basis for our victory n. 3” 15 de Dezembro de 1952 (I. Kim 1981b)



proletário e que o verdadeiro patriotismo é inseparável do internacionalismo proletário; é avesso ao nacionalismo burguês” (I. Kim 1981b, 150, tradução nossa).

O nacionalismo norte-coreano, logo, é construído não só para dentro, mas com relação a um projeto de combate global ao capitalismo ocidental, estadunidense, com pretensões de libertação nacional e internacional. Contudo, sendo um nacionalismo norte-coreano, a dimensão do de dentro também existe. Como enfatiza Kim:

Como vanguarda do povo Coreano que luta heroicamente contra os invasores imperialistas norte-americanos, o Partido dos Trabalhadores da Coreia carrega sobre seus ombros o destino do país e do povo e tem o sagrado dever internacionalista de contribuir para a causa comum do povo pela paz e progresso. Levando bem alto a bandeira do marxismo-leninismo, nosso Partido deve travar uma luta mais decidida e cumprir bem a honrosa missão que lhe foi confiada” (I. Kim 1981b, 349, tradução nossa).

O que este trecho deixa claro é que, apesar de estar sujeito à luta internacional contra a burguesia, a Coreia do Norte, ao mobilizar a ação efetiva do partido comunista e adesão do povo ao partido, se coloca explicitamente na posição de vanguarda dessa luta. O importante aqui não é considerar as alusões heroicas que a Coreia do Norte faz de si, embora isso tenha sua relevância, mas sim nos atentar à complexa e imbricada relação entre a imagem norte-coreana de si para si e a sua imagem de si para com o de fora; isto é, a imagem anticapitalista de dentro, e o dever com a luta do internacionalismo proletário. A interseção entre esses dois mundos está no papel central, como guardião deste sagrado dever internacional, que a Coreia do Norte atribui a si para o prosseguimento dessa agenda. Mostra-se, assim, que é uma identidade para dentro e para fora, ao mesmo tempo, mas que se projeta para fora a partir de dentro.

Por fim, o último discurso explora o sentimento norte-coreano após o fim dos conflitos, marcado pelo armistício com os EUA, e prossegue com a dualidade simbólica de sua identidade nacional “internacionalizada”. O título do discurso, “*Congratulations on the great victory in the fatherland liberation war*” (I. Kim 1981b), é de particular interesse nesta situação. A necessidade de caracterizar o armistício com os EUA enquanto vitória é, para estudos convencionais de segurança, sobretudo de matriz clausewitziana (1996), algo impreciso. Vitória, nesse sentido, seria a rendição incondicional do inimigo, a incapacitação completa das forças adversárias ao ponto de não poderem mais reagir (Clausewitz 1996). O ponto, porém, não é ser preciso. Caracterizar o armistício como vitória representa o triunfo da luta proletária contra a então maior potência capitalista do mundo, que concordou em interromper os conflitos e, do ponto de vista norte-coreano, a invasão. Como aponta Kim:

Em sua guerra de agressão contra a República Popular Democrática da Coreia, os próprios imperialistas estadunidenses revelaram claramente que são inimigos ferozes tanto do povo coreano quanto dos povos amantes da liberdade em todo o mundo (I. Kim 1981b, 455, tradução nossa).

Neste trecho, torna-se claro que a imagem que fica ao fim do conflito é, novamente por meio da antagonização dos EUA, que a Coreia do Norte se põe a favor dos povos amantes da liberdade em todo o mundo, e que esse posicionamento, necessariamente, se dá a partir da incorporação do internacionalismo proletário como objeto de seu

patriotismo. Há, no fim, a convergência entre a vitória norte-coreana e a vitória do internacionalismo proletário; ambas as identidades, que existem sempre em conjunto, culminam nesse momento. Todavia, a vitória aqui celebrada ainda parte do ponto de vista do eu individual; ou seja, a ação do eu, Coreia do Norte, possibilitou que a vitória do internacionalismo proletário viesse em conjunto. De toda a maneira, o patriotismo norte-coreano, que se define a partir da convergência com a luta de libertação proletária, se dá, em todos os excertos aqui coletados, por meio da negação e da identificação dos EUA enquanto os inimigos capitalistas.

#### 4. Conclusão

O nacionalismo norte-coreano é fundamentado, principalmente, na rejeição ao imperialismo. Esse sentimento anti-imperial é alimentado por duas experiências na península coreana: a colonização japonesa e a ocupação estadunidense na parte sul, após o fim da Segunda Guerra Mundial e a rendição japonesa. Estes dois momentos são os alicerces para a construção imaginada e compartilhada de uma comunidade política (Anderson 2008) norte-coreana.

Ainda assim, como anteriormente argumentado, estes dois atores, e o ímpeto imperial que eles representam, foi discursivamente retomado por Kim Il-Sung durante a Guerra da Coreia (1950–1953), visando fortalecer ativamente a identidade norte-coreana, a partir da existência dessas ameaças externas, EUA e Japão. Nesse sentido, este artigo buscou, a partir da análise de discursos selecionados do líder norte-coreano, compreender como a identificação desses dois países como ameaças durante o período da guerra contribuiu para a formação da identidade norte-coreana naquele momento.

Como exposto, a identidade norte-coreana se fundamenta a partir do trauma da colonização e da negação desse trauma ao se afastar daquilo que, em primeiro lugar, provocou esse trauma. Trata-se, logo, da definição de um eu, Coreia do Norte, a partir da negação do outro, Japão e EUA, que se constitui a partir das características e predicções consideradas repulsivas, nesse caso, pelo eu construído pela Coreia do Norte. Não só isso, mas a identidade norte-coreana, daquele momento, aparenta se revelar em uma duplicidade: o afastamento do inimigo EUA capitalista, compreendendo a dimensão interna, e do dever de lutar pelo internacionalismo proletário, que compreende uma identidade internacional que perpassa o limite do território propriamente norte-coreano.

Apesar deste artigo ter focado no escopo temporal da Guerra da Coreia e na formação de uma identidade norte-coreana naquele momento, acreditamos que essa identidade foi, e ainda é, reafirmada por meio de discursos de líderes norte-coreanos, a partir da mobilização da ameaça externa. O discurso do medo, nesse sentido, estimula um apoio popular para políticas implementadas pelo governo que dizem respeito à segurança nacional, como, por exemplo, o programa nuclear e bélico do país. Pesquisas mais extensas e minuciosas poderiam nos ajudar a corroborar com nosso argumento.

É importante dizer, ainda, que é um grande desafio pesquisar Coreia do Norte – o país mais fechado do mundo, o “Reino Eremita” (Alves 2018) – no Brasil. Não só a distância, como o acesso a fontes norte-coreanas, bem como a barreira linguística, tornam-se obstáculos ao progresso dos estudos sobre o país no Brasil, principalmente no campo das Relações Internacionais. Além disso, é salutar o cuidado relacionado às

fontes. É muito comum, principalmente na literatura de língua inglesa, que o país, bem como seu povo, sejam retratados como “excêntricos”, “repressivos” e “alienígenas” ao sistema internacional. Todas essas fronteiras só reforçam a necessidade da emergência de uma literatura crítica, que questione, principalmente, os motivos pelos quais a Coreia do Norte tenha escolhido se “isolar” do mundo, como diria o senso comum. A contextualização histórica aqui traçada, bem como a ideologia Juche, muito nos revelam sobre essa escolha política. Ainda assim, como dito, somente uma literatura crítica e bem fundamentada pode nos ajudar a expandir o nosso entendimento sobre esse país pouco explorado no campo das Relações Internacionais no Brasil.

Recebido em: 22/03/2024.

Aprovado em: 16/07/2024.

## Referências

- Alves, Renato. 2018. *O Reino Eremita: Um jornalista brasileiro na Coreia do Norte*. Quixote.
- Anderson, Benedict R. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Buzan, Barry, Ole Waever e Jaap de Wilde. 1998. *Security: A New Framework For Analysis*. Londres: Lynne Rienner Publishers.
- Campbell, David. 1992. *Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Cho, Soon Sung. 1940. North and South Korea: Stepped-Up Aggression and the Search for New Security. *Far Eastern Survey* 9 (1): 29–39. <https://doi.org/10.2307/2642092>. <https://doi.org/10.2307/2642092>.
- Chung, Young-lob. 2005. *Korea Under Siege, 1876–1945: Capital Formation and Economic Transformation*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Clausewitz, Carl von. 1996. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cumings, Bruce. 2005. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. Nova Iorque: W. W. Norton Company.
- Deleuze, Gilles. 1994. *Difference and Repetition*. New York: Columbia University Press.
- Gellner, Ernest. 1983. *Nations and Nationalism*. Ithaca: Cornell University Press.
- Kim, Hyun-Kyung. 1997. , Acesso em: 13 jun. 2023, *MBC*, [https://imnews.imbc.com/replay/1997/nwdesk/article/1764225\\_30717.html](https://imnews.imbc.com/replay/1997/nwdesk/article/1764225_30717.html).

- Kim, Il-Sung. 1981a. *Kim Il Sung Works 6: June 1950 – December 1951*. Disponível em: <https://bannedthought.net/Korea-DPRK/KimIlSung/KimIlSung-Works-06-OCR.pdf>. Acesso em: 7 de maio de 2023. Pyongyang, Coreia do Norte: Foreign Languages Publishing House.
- . 1981b. *Kim Il Sung Works 7: January 1952 – July 1953*. Disponível em: <https://bannedthought.net/Korea-DPRK/KimIlSung/KimIlSung-Works-07-OCR.pdf>. Acesso em: 7 de maio de 2023. Pyongyang, Coreia do Norte: Foreign Languages Publishing House.
- Krishan, Sankaran. 2009. *Globalization and Postcolonialism*. Estados Unidos: Rowman & Littlefield.
- Lee, Jae-Min. 2010. Treaty as prelude to annexation. Acesso em: 13 jun. 2023, *The Korea Herald*, <https://www.koreaherald.com/view.php?ud=20100907000976&cpv=0>.
- Neff, Robert. 2010. Provisional Government in Shanghai Resisted Colonial Rule. Acesso em: 14 jun. 2023, *The Korea Times*, [http://www.koreatimes.co.kr/www/news/special/2010/03/113\\_63179.html](http://www.koreatimes.co.kr/www/news/special/2010/03/113_63179.html).
- Park, Eugene Y. 2022. *Korea: A History*. Stanford University Press.
- Probst, Lothar. 2003. Founding Myths in Europe and the Role of the Holocaust. *New German Critique* 90:45–58. <https://www.jstor.org/stable/3211107>.
- Roy, Denny. 1988. North Korea's Relations with Japan: The Legacy of War. Acesso em: 16 jun. 2023, *Asian Survey* 28 (12): 1280–1293. <http://www.jstor.org/stable/2644746>.
- Seth, Michael J. 2018. *North Korea: A History*. Palgrave.